

O Leque de Lady Windermere, de Oscar Wilde: uma análise da tradução de Oscar Mendes

Mirian Rufini GALVÃO
Universidade Federal de Santa Catarina
rufinialvao@gmail.com

Resumo: Neste artigo, é apresentada uma análise das traduções da peça teatral *O Leque de Lady Windermere*, de Oscar Wilde, pelos tradutores Oscar Mendes e Doris Goettems. Inicialmente, aborda-se o contexto Vitoriano, bem como a vida e obra do autor. Uma breve menção aos tradutores de Oscar Wilde para o português brasileiro é fornecida e especial ênfase é conferida aos trabalhos de Oscar Mendes e Doris Goettems, tradutores da peça elencada. Postulados dos estudos da tradução são abordados, especialmente a teoria funcionalista da tradução, proposta por Christiane Nord. A tradução da peça é analisada em termos dos elementos do seu enredo, e dos recursos linguísticos utilizados, como a manutenção da ironia, paradoxos e jogos de palavras na expressão da crítica social do autor. Os resultados indicam traduções adequadas ao contexto sócio-cultural de seus autores. A opção pelo registro informal é realizada, na maioria das vezes, por Goettems, indicando um ajustamento ao português brasileiro utilizado da atualidade, e os efeitos de sua estrutura semântica e lexical.

Palavras-chave: Oscar Wilde; tradução; crítica social; registro.

Introdução

O foco deste estudo é a tradução do trabalho intitulado “Lady Windermere’s Fan”, “O Leque de Lady Windermere”, de Oscar Wilde para o Português do Brasil, realizada por Oscar Mendes. Esta pode não ter contemplado a característica de questionamento social presente nas obras de Wilde. A crítica social de Wilde se dá, em grande parte, na forma de recursos linguísticos, tais como o uso da ironia e paradoxos. O fato de os trabalhos de Wilde serem traduzidos para o Português Brasileiro nos séculos dezanove, vinte e vinte e um, por tradutores com diferentes estilos e crenças políticas e literárias, parece desempenhar um papel crucial na busca dessas respostas. Paulo Barreto (João do Rio) e Elysio de Carvalho foram tradutores de Wilde no século XIX. Os tradutores eram autores decadentistas, escrevendo semelhantemente a Wilde com respeito às posições políticas e sociais. Oscar Mendes, tradutor de Wilde do século XX, parecia não partilhar das ideias políticas dos primeiros, e, portanto, suas crenças podem ter influenciado seu projeto tradutório.

Especificamente, são analisadas as formas tradutórias utilizadas por Oscar Mendes e Doris Goettems referentes ao papel masculino na classe alta do século dezanove na Inglaterra, dentro da obra *O Leque de Lady Windermere*, por meio de características do enredo, de falas, de ironia, e de paradoxos. Também se almejou estudar as formas tradutórias alusivas ao papel social feminino no mesmo contexto. Ainda buscou-se levantar as formas tradutórias em relação ao casamento tradicional nessa sociedade, descrito por Wilde na peça, como a falsa moral, o engodo, e as relações extraconjugais.

Para tal, este artigo se divide da seguinte forma. A primeira trata do desenvolvimento da tradução no Brasil, das editoras e autores a constituírem a profissão e prática da arte tradutória em nosso contexto. Na sequência, aborda o contexto geral desta pesquisa, a saber, o período Vitoriano, na Grã-Bretanha de Oscar Wilde. Em seguida traz um resumo da vida e obra do autor, com a inclusão das peças teatrais, das quais faz parte “*O Leque de Lady Windermere*”, corpus de análise deste trabalho. Discorre também o artigo sobre as teorias da tradução, em especial a Teoria Funcionalista da tradução, proposta por Christiane Nord. O final do trabalho faz uma análise das traduções de Oscar Mendes e Doris Goettems da peça “*O Leque de Lady Windermere*”, de Oscar Wilde, sob a luz das teorias abordadas na seção quatro deste estudo.

1 A atividade tradutória no Brasil: da Bela Época ao século XX

No final do século XIX, entre os escritores da *belle époque* brasileira, João do Rio (ou Paulo Barreto) escreveu textos decadentistas, como *A Alma Encantadora das Ruas* e *As Religiões no Rio* e traduziu *Salomé* e *O Leque de Lady Windermere*. Acusado muitas vezes de plágio, escrevendo releituras de obras de Oscar Wilde, foi deste tradutor e com ele partilhou até do Dandismo. Elysio de Carvalho também traduziu Wilde nessa época, os textos *A Balada do Enforcado* e *Uma Tragédia Florentina*. Escreveu *Five o'clock*, livro com ideais decadentistas e aclamado pela crítica. Alagoano, difundiu ideais anarquistas e foi diretor da revista *América Brasileira*, na divulgação de textos avant garde.

Já no século 20, Milton (2002) nos informa sobre o Clube do Livro e sua história e a tradução brasileira dessa época. A Editora José Olympio publicava, na década de 30, as biografias de Nijinski, Tolstoi e lançava uma seleção de romances importantes. A Editora Globo publicou a tradução de muitos textos de ficção, como Woolf, Kafka, Huxley, Somerset Maugham, entre outros. Nas décadas de 40 e 50, a Editora Globo publica *Guerra e Paz*, *Grandes Esperanças*, obras de Poe e escritos para o público infantil, com Carroll e Stevenson. As Editoras Martins e Saraiva também datam dessa época com publicações desses e de outros autores.

O Clube do Livro foi estimulado por Monteiro Lobato, que via nele a possibilidade para as classes mais baixas terem acesso à literatura estrangeira sem o domínio de uma língua de outro país. Outras renomadas figuras nacionais abraçaram essa ideia, como Drummond, Lucio Costa e Oscar Niemeyer e Portinari. Em um período de ditadura do regime de Vargas, muitos escritores e tradutores foram presos, como Jorge Amado, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz e Cecília Meireles, esta por ter traduzido *As Aventuras de Tom Sawyer*. Um segundo período de censuras para o Clube do Livro foi na ditadura militar de 1964, com a proibição de qualquer livro ou tradução de livro com menção à política liberal ou com críticas ao regime.

Oscar Mendes Guimarães nasceu em Recife em 25 de julho de 1902 e morreu em 04 de novembro de 1983. Professor formado em direito, jornalista, cronista, membro da academia mineira de letras. Traduziu mais de 200 livros e publicou mais de 18. Publicou, pela edita José Aguilar, em 1961, a tradução da coletânea de *Obras Completas de Oscar Wilde*, reeditada em 1975 e 2003, pela editora Nova Aguilar.

2 A Inglaterra Vitoriana

2.1 Sociedade e Literatura

Segundo Burgess (1996), a era vitoriana é definida pelo reinado da Rainha Vitória, de 1837 a 1901. Foi uma época de mudanças e da revolução industrial, que já começara na

Inglaterra no Século XVIII, trazendo crescimento à população dos centros urbanos e prosperidade para as classes média e alta. A sociedade era notadamente patriarcal, seguindo preceitos morais rígidos e papéis definidos para todos os seus membros.

O capitalismo imperava e a importância conferida à produção estava acima da apreciação da arte e da literatura. Essa banalização e moralização da sociedade da época estimularam a contrapartida da classe literária em formação. Assim, cria-se o autor do final do século XIX e início do século XX, em um interstício, abandonando a concepção clássica de imitação da arte e caindo na obscuridade. Consideram-se decadentes porque vivem em uma sociedade como tal e fazem a literatura para sua época.

Fonseca e Rocha (2010) dizem que essa estética tem suas características próprias, com a figura do poeta maldito, a autonomia da arte, o Dandismo, que significa viver artisticamente, a fuga do vulgar, o viver às avessas e a busca do senso da liberdade por viver o desvio da norma. Ainda citam a melancolia, a sinestesia, numa espécie de *art nouveau* literário.

2.2 Oscar Wilde: Dândi e transgressor

Oscar Fingal O'Flahertie Willis Wilde nasceu na Irlanda em 15 de outubro de 1854. Foi um estudante brilhante das línguas e literaturas, o que lhe rendeu uma bolsa de estudos para Oxford em 1874. Empreendeu viagens à Grécia, Itália e França, onde produziu escritos nas línguas desses países e teve suas peças encenadas. Também foi aos Estados Unidos da América, onde produziu peças teatrais de sucesso.

Foi crítico e implacável em sua vida acadêmica e participou do movimento estético que se opôs às artes e literatura Vitoriana, o decadentismo. Publicou vários contos e novelas, como *O fantasma de Canterville*, e *O príncipe feliz e outras histórias*, marcados por seu humor cruel e ironia tão apreciados por leitores.

Como escritor decadentista e simbolista, sua literatura era marcada pela representação desiludida da realidade de sua época, com retratos sádicos, satíricos e frios dos arquétipos sociais do seu momento. Era um Dândi, refinado e ao mesmo tempo contestador de seu tempo e das condições que o impediam de sua plena expressão de ideias e vida. Herda de Baudelaire o pensamento às avessas da sociedade, e tem nos escritores Poe e Swift (A Modesta Proposta) a partilha de sua literatura contestadora.

Destaca a conformação de uma literatura urbana incomodada com a massificação e a decadência da sociedade pós-revolução industrial no final do século XIX; o Dandismo desponta como reação a seu desencantamento. O Dândi era transgressor de modelos de comportamento, com expressão de suas preferências sexuais e jogos dessa sorte. Também era transgressor na moda, pois usava adereços e trajes marcantes e sofisticados. Não acumulava riqueza e nem se preocupava com o sucesso profissional, mas sim com sua “boa vida”, entre amigos que partilhavam seus ideais.

Teve uma vida pessoal conturbada por manter uma relação íntima com o jovem lorde Alfred Douglas. Wilde foi julgado, condenado a dois anos de trabalhos forçados e ao sair da prisão sua família o abandonou. Entrou em decadência, entregando-se ao absinto. Viveu os três últimos anos de sua vida na Itália, em situação decadente, com necessidades financeiras e lá foi abandonado por seu amante Lord Alfred Douglas, “Bosie”. Passou então a se relacionar com vários jovens em Roma e em Gênova, entregando-se finalmente à miséria. Foi para a França, onde contraiu meningite e morreu em 1900, aos 46 anos.

As obras de Oscar Wilde no Brasil sofriam grande censura moral e eram de difícil obtenção. O jornalista e escritor João do Rio (João Paulo Emilio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto 1880-1921) foi o primeiro a se interessar por sua literatura, pedir a importação de seus

escritos e traduzir as obras *Salomé*, *Intenção*, *O Retrato de Dorian Gray*, e *O Leque de Lady Windermere*. (FONSECA E ROCHA, 2010). Os elementos da criticidade e os questionamentos quanto à sociedade e a cultura inglesas são marcados em sua obra, seu único romance, *O Retrato de Dorian Gray* e várias de suas outras obras: *A Importância de Ser Honesto*, *Uma Mulher Sem Importância* e *O Leque de Lady Windermere*.

3 Postulados da Teoria da Tradução

3.1 Estratégias e tipos de tradução

Douglas Robinson (2002) fala sobre o tipo de conhecimento que um tradutor necessita. Com respeito ao conhecimento interior, ou a perspectiva do tradutor, este sabe como a tradução é realizada, tem noções práticas do mundo real, dos problemas e limitações dessas soluções. Sabe, por exemplo, que nenhuma tradução será a perfeita representação do original.

Quanto aos graus de fidelidade ao texto, diz que o literalismo ocorre quando a tradução acompanha o original palavra por palavra, ou da forma mais próxima possível. Assim, a sintaxe do texto de partida é visível na tradução. Ao contrário, pode haver um tom estrangeiro na tradução. Pode-se perceber que alguma estrutura ou item lexical não está em conformidade com a língua de chegada da tradução.

Segundo Robinson (2002), traduções podem ser fluentes, tão acessíveis e legíveis na língua alvo que parecem ter sido originalmente escritas nessa língua. Pode ser feito um resumo da obra original, também na tradução literária, o que origina os livros com linguagem ou enredos simplificados. Na adaptação, o tradutor remodela o trabalho original, a fim de provocar uma reação desejada em diferentes leitores. Vemos isso em adaptações para crianças, publicidade ou para o meio televisivo, usando imagens diferentes da cultura original.

Em referência ao registro, ou nível de formalidade, Alan Duff (1989) argumenta que as línguas geralmente diferem muito nesse aspecto, sendo deixada ao tradutor a tarefa de distinguir entre expressões formais ou fixas e aquelas pessoais, nas quais o escritor ou locutor decide o tom que deseja conferir ao texto.

3.2 A Teoria Funcionalista de Christiane Nord

Para o presente trabalho, utilizamos a teoria funcionalista de Christiane Nord. A teoria postula que o texto fonte e o texto alvo são determinados por situações comunicativas nas quais veiculam uma mensagem. Assim, é fundamental o estudo dos papéis e estrutura do esquema comunicativo entre os participantes do ato comunicativo.

A autora (apud BAGGIONI, 2010) menciona os fatores extratextuais, que são utilizados como ponto de partida para a análise do texto original e do texto de chegada. Para tal, quem é o autor ou emissor do texto (quem?) Qual a intenção do emissor (para que?) Para qual público ou receptor é produzido o texto (para quem?) Por qual meio? (veículo de comunicação) Em que lugar (onde?/ espaço) Em que época (quando? Tempo/época) Por qual motivo (por quê?/motivo da comunicação) Qual a função da tradução do texto?

Os fatores intratextuais a serem levados em conta abrangem a temática, ou, o que veicula este texto, o conteúdo e aspectos que poderiam auxiliar o tradutor, como: a paráfrase, os elementos de coesão, os elementos conotativos e denotativos e a identificação da situação interna. Também relevante ressaltar o que o texto não veicula, em que sequência é apresentado, qual é sua estrutura e há apenas elementos verbais?

Quanto aos elementos não verbais, há que se atentar para a pontuação, o tipo de impressão, os espaços entre as linhas, as fotos ou desenhos ilustrativos. Quanto ao léxico utilizado, este reflete claramente os fatores extratextuais da situação na qual o texto é produzido (emissor, intenção, receptor) por meio da escolha lexical. Ainda observam-se o tipo de estrutura frasal utilizado, o tipo de sentença utilizada, e seu tamanho, as exclamações, interrogações, os participípios, gerúndios, as conjunções, os advérbios e suas conexões. Esses devem ser analisados sob uma perspectiva funcionalista. O efeito, ou resultado (provisório ou definitivo) do processo comunicativo também deve ser observado, verificando-se se o texto traduzido produz, ou não, no leitor potencial, efeito semelhante ao que o texto original teria, em seu contexto original.

4 Metodologia

4.1 Comédia e Traduções

O objetivo deste estudo foi analisar as formas tradutórias referentes ao papel masculino na classe social alta do século XIX (enredo, falas, ironia, paradoxo), bem como analisar as formas tradutórias alusivas ao papel social feminino (falas de personagens femininas) e, finalmente, analisar as formas tradutórias em relação ao casamento tradicional (falsa moral, engodo, relações extraconjugais).

Para tal, elencamos a comédia de Wilde intitulada *O Leque de Lady Windermere*, uma peça satírica, plena de cinismo e ironia em relação à sociedade e costumes Vitorianos. Encomendada por George Alexander, para o teatro St. James, de Londres, teve início de sua exibição em 20 de fevereiro de 1892 e foi sucesso absoluto. Com recepção calorosa na mídia e crítica da época, ficou em cartaz durante 23 semanas.

As traduções elencadas para este trabalho foram as de Oscar Mendes, de 1961 e Doris Goettens, de 2010. A primeira, inicialmente publicada pela editora José Aguilar, teve reedições já pela editora Nova Aguilar, sendo a última em 2003, revisada para a nova ortografia. A tradução de Goettens foi publicada pela Editora Landmark, em versão bilíngue. A escolha das traduções ocorreu pelo interesse em cotejar diacronicamente as formas tradutórias utilizadas pelos dois tradutores, possivelmente evidenciando o contexto sócio-cultural de suas épocas.

4.2 Análise da Comédia

O emissor desse discurso foi um autor crítico e contestador de sua sociedade. Portanto, parece-nos que sua intenção foi chamar a atenção para práticas e papéis sociais ultraconservadores naturalizados e internalizados. Os receptores de tal obra foram os membros da sociedade europeia do final do século XIX por meio do teatro.

Leal (2007) defende a possibilidade do uso da teoria funcionalista da tradução para a análise da tradução literária. Menciona que é possível inferir-se a intenção por trás do texto examinando-se a biografia do autor, os eventos que, de alguma forma influenciaram seu trabalho, bem como seu status e estilo literário. Os paratextos, tais como os prefácios e as notas de rodapé podem fornecer ao tradutor a necessária informação com respeito à intenção do autor.

Quanto ao aspecto comunicativo dos textos de literatura, Nord (apud LEAL, 2007) diz que o autor terá a intenção de produzir um trabalho literário, e que o leitor terá uma expectativa literária no que se refere às suas convenções culturais. Entretanto, devido ao fato de que o texto literário permite diversas leituras, por causa da ambiguidade do código

literário, a determinação precisa da intenção do autor não é completamente possível. “What is actually translated is not the sender’s intention but the translator’s interpretation of the sender’s intention.” (NORD apud LEAL, 2007, p. 56)

Contudo, Nord (apud LEAL, p. 57) argumenta que: Os autores normalmente preveem o conhecimento prévio dos leitores e conseguem verbalizar sua intenção no texto. A função do texto e a intenção do emissor pode assim ser idêntica. Em um texto traduzido a identificação da intenção e função requer as seguintes condições: o tradutor interpretar a intenção do emissor corretamente; o tradutor tem sucesso na verbalização dessa interpretação de tal forma que, por sua vez, possa ser interpretado corretamente pelos receptores da língua alvo.

Com respeito à função e ao efeito do texto literário, Nord (apud LEAL, 2007), esclarece que se reconhecermos a influência fundamental que a intenção literária especial do emissor e as “expectativas literárias” do receptor têm na função e no efeito dos textos literários, poderemos dizer que a literaridade é claramente uma qualidade pragmática que é conferida aos textos pelo emissor e receptor em uma determinada situação comunicativa. As características intratextuais desses textos não trazem a marca “literária”, mas são assim interpretados pelos receptores. (p. 64)

Dessa forma, o tradutor aplicará seu conceito de texto literário e sua função dentro de sua comunidade. A determinação dessa função pode ser feita aplicando-se as convenções de literaridade dentro desse contexto, ou então se utilizando sua capacidade intuitiva, como um especialista linguístico-cultural.

A primeira parte da análise contempla os papéis masculinos, iniciando com Lorde Darlington, um personagem irônico, machista e individualista. Mantém este sua imagem por meio do enredo e suas falas. Tenta iludir Lady Windermere por meio de suas falas e suas promessas de amor. Finalmente, utiliza a intriga, argumentando que Lord Windermere a trai com Mrs. Erlynne e quase tem sucesso em convencer Lady Windermere a fugir consigo. Selecione o trecho abaixo, de uma fala do personagem, Lord Darlington:

“DAR: It’s a curious thing, Duchess, about the game of marriage – a game, by the way, that is going out of fashion – the wives hold all the honours, and invariably lose the odd trick.” (WILDE)

“É curioso, duquesa, o jogo em torno do casamento... Um jogo, seja dito em parêntesis, que está ficando fora de moda... As espôsas gozam de tôdas as honras e invariavelmente perdem a jogada vantajosa.”

Dsa: “A jogada vantajosa? É o marido que se refere, Lorde Darlington?”

DAR: Seria talvez um nome bom demais para o marido moderno.” (MENDES, 1961, p. 568)

“É uma coisa curiosa, Duquesa, sobre o jogo do casamento – um jogo, aliás, que está saindo de moda – as esposas recebem todas as honras e sempre escapam da armadilha resultante.”

DAS: Armadilha resultante? Está se referindo ao marido, Lorde Darlington?

DAR: Seria um nome bastante bom para o marido moderno.” (GOETTEMS, 2011, p. 213)

A escolha lexical foi bastante diversa entre os dois tradutores, optando Mendes por “perdem a jogada vantajosa” e Goettems por “escapam da armadilha resultante”. Na primeira versão, o papel da mulher no casamento parece perder uma possibilidade de sobressair-se. Soa mais como uma crítica à inabilidade das mulheres de se apropriarem de uma vantagem que têm no jogo do amor, que é o marido. No segundo caso, a escolha tradutória aponta para

um jogo armado por parte do marido, do qual escapam as mulheres. A armadilha, nesse caso, é o marido e as mulheres têm sucesso em sua fuga. Aqui o registro é semelhante, com um tom que vai do formal ao neutro, apesar da diferença de época das duas traduções.

Os personagens Cecil Graham, Lorde Augustus e Dumby são usados por Wilde para imprimir sua crítica à visão masculina, no século XIX, sobre as mulheres e seu papel na sociedade.

Cecil Graham: Oh! Wicked women bother one. Good women bore one. That is the only difference between them. (WILDE)

Cec: Oh! As mulheres perversas nos incomodam. E as boas mulheres nos aborrecem. É a única diferença que há entre elas. (MENDES, p. 594)

Cecil Graham: Oh! As mulheres corruptas nos incomodam. As mulheres boas nos aborrecem. Essa é a única diferença entre elas. (GOETTEMS, p. 265)

A diferença marcante entre as traduções é a escolha da tradução para “wicked” como “perversas” por Mendes e “corruptas” por Goettems. A opção “corruptas” é inovadora e pode assumir uma conotação até religiosa, tratando-se da conduta de pessoas.

Dumby: Awfully commercial, women nowadays. Our grandmothers threw their caps over the mills, of course, but, by Jove, their granddaughters only throw their caps over the mills that can raise the wind for them. (WILDE)

Dum: Tremendamente comerciais essas mulheres de hoje. Nossas avós saltavam por cima de tudo, sem dúvida, mas por Júpiter, suas netas dão o mesmo salto, mas calculando os benefícios. (MENDES, p. 594)

Dumby: As mulheres são terrivelmente comerciais, hoje em dia. Nossas avós eram interesseiras, é claro, mas suas netas, por Deus, só querem saber de levar vantagem com todas as coisas. (GOETTEMS, p. 265)

A escolha tradutória, nos dois casos, especialmente em Goettems, enfatiza o aspecto financeiro das ações femininas. A expressão idiomática “to throw one’s cap over the windmill”, de acordo com o Oxford Dictionary online, 2010, significa, agir imprudentemente, e de forma não convencional. A versão de Mendes “saltar por cima de tudo” tem conotação mais ampla e geral e “eram interesseiras”, de Goettems, afunila para o aspecto comercial. Há também uma diferença na interjeição “by Jove”, traduzida “por Júpiter” e “por Deus”, indicando uma preferência lexical diversa.

No próximo trecho, Lord Augustus refere-se ao passado de uma mulher, aspecto enfatizado nesta obra de Wilde, na personagem Mrs. Erlynne bem como em “Uma Mulher Sem Importância”, no caso de Mrs. Arbuthnot.

Lord Augustus: I Prefer women with a past. They’re always so demmed amusing to talk to. (WILDE)

L. Aug: Prefiro as mulheres que têm um passado. É sempre danadamente divertido conversar com elas. (MENDES, p. 594)

Lorde Augustus: Prefiro Mulheres com um passado. É sempre danado de divertido conversar com elas. (GOETTEMS, p. 265)

O comentário é traduzido de forma jocosa por ambos os tradutores, mantendo o tom original de ironia e chauvinismo. A única mudança é uma construção mais informal em 2010. O próximo trecho porta um tom mais ácido:

Cecil Graham: [...] Now, I never moralise. A man who moralises is usually a hypocrite, and a woman who moralises is invariably plain. There is nothing in the whole world so unbecoming to a woman as a Nonconformist conscience. And most women know it, I'm glad to say. (WILDE)

Cec. [...] Ora, eu nunca moralizo. Um homem que moraliza é, em geral, um hipócrita, e uma mulher que moraliza é, invariavelmente, feia. Não há nada no mundo inteiro tão indecoroso como a consciência de uma puritana alegre-me dizer que muitas mulheres sabem disso. (MENDES, p. 595)

Cecil Graham: [...] eu nunca moralizo. Um homem que moraliza, normalmente é um hipócrita, e uma mulher que moraliza é sempre simplória. Não há nada no mundo tão impróprio para uma mulher como uma consciência não-conformista. E a maioria das mulheres sabe disso, folgo em sabê-lo. (GOESTTEMS, p 267)

A divergência nas traduções aqui em “invariavelmente” e “normalmente” para “invariably” e “feia” e “simplória” para “plain”. As expressões “a consciência de uma puritana” e “uma consciência não-conformista” também indicam acepções diferentes do mesmo termo. O não-conformista poderia fazer parte dos inúmeros movimentos contra o anglicanismo na Inglaterra, sendo os puritanos apenas um grupo opositor. Entretanto, Oscar Wilde era confesso oponente do puritanismo, justificando a escolha vocabular de Mendes, em 1961.

Lady Windermere define a atitude masculina no seu contexto social:

Lady Windermere: [...] Men are such cowards. They outrage every law of the world, and are afraid of the world's tongue. (WILDE)

L. Wind: [...] os homens são tão covardes. Ultrajam tôdas as leis do mundo e têm medo da língua do mundo. [...]” (MENDES, p. 589)

Lady Windermere: “[...] Os homens são tão covardes! Infringem todas leis do mundo, e depois têm medo do fãlatório.[...]” (GOETTEMS, p. 256)

Nesta seção, a linguagem da tradução de 2010 é mais vernácula, e, portanto, mas natural para a época. Certamente, a tradução de Mendes, embora adequada à sua época e contexto brasileiro dos anos 60, hoje se apresenta mais formal, e, portanto, menos arguta que o trabalho de Goettems.

Considerações Finais

Conclui-se, com este trabalho, que houve pouca discrepância no efeito atribuído ao texto original e suas traduções, pois a ironia, o jogo de palavras, e os paradoxos foram traduzidos adequadamente ao seu tempo e contexto social.

O registro formal, por vezes utilizado em ambas as traduções, especialmente a de Mendes, acompanha aquele do texto original, na época de sua escrita, final do século XIX. Pode-se imaginar que a tradução de uma peça teatral de tal calibre, especialmente adaptando-a à época dos tradutores, idealmente traria um registro mais informal, especialmente no que concernem as escolhas lexicais dos tradutores, por tratar-se de comédia.

Os estudos sobre as peças de Wilde são instigantes recursos de compreensão sobre a sociedade e cultura da época vitoriana. Da mesma forma, ricas pistas são encontradas sobre os contextos sócio-culturais nos quais se inserem as traduções de seus trabalhos.

Referências:

- BAGGIONI, Andrea. **Tradução da primeira seção da bundesdatenschutzgesetz conforme o modelo funcionalista de Christiane Nord**. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 2010.
- BARBOSA, Heloisa Goncalves. **Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta**. 2 ed. Campinas: Pontes, 2004.
- BURGESS, Anthony. **A Literatura Inglesa**. São Paulo: Ática, 1996.
- DELISLE, Jean; WOODSWORTH, Judith. **Os tradutores na história**. São Paulo: Ática, 2003.
- DUFF, Alan. **Translation**. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- FONSECA, T.C; ROCHA, V.M.S. O amor em Uma Mulher Excepcional: aspectos decadentistas e psicanalíticos no conto de João do Rio. **Revista Littera**, v. 1 n.1, Deller, UFMA, Jan-Jul 2010.
- FURLAN, Mauri. “Brevíssima história da teoria da tradução no Ocidente: I. Os Romanos”, in **Cadernos de Tradução nº VIII**. Florianópolis: PGET, 2003. (p.11-28)
- FURLAN, Mauri. “Brevíssima história da teoria da tradução no Ocidente: II. Idade Média”, in **Cadernos de Tradução nº XII**. Florianópolis: PGET, 2005. (p.09-28)
- FURLAN, Mauri. “Brevíssima história da teoria da tradução no Ocidente: II. Final da Idade Média e o Renascimento”, in **Cadernos de Tradução nº XIII**. Florianópolis: PGET, 2005. (p.09-25)
- GENTZLER, Edwin. **Teorias Contemporâneas da Tradução**. [tradução Marcos Malvezzi]2.ed.rev. São Paulo: Madras, 2009.
- LEAL, Alice Borges. **Funcionalismo Alemão e Tradução Literária: quatro projetos para tradução de The Years, de Virginia Woolf**. Dissertação de Mestrado. PGET,

UFSC, 2007.

MILTON, John. **O clube do livro e a tradução**. Bauru: EDUSC, 2002.

NORD, Christiane. Dealing with Purposes in Intercultural Communication: some methodological considerations. **Revista Alicantina de Estudos Ingleses**. 14: 151-166, 2001.

---. Text Analysis in Translation: theory, methodology, and didactic application of a model of translation-oriented text analysis. Trans. Christiane Nord and Penelope Sparrow. Amsterdam, Atlanta, Rodopi, 1991. Pym, Anthony. Resenha. **TTR : traduction, terminologie, rédaction**, vol. 6, n° 2, 1993, p. 184-190

ROBINSON, Douglas. **Construindo o tradutor**. Bauru: EDUSC, 2002.

SCHMIDT, S. P. **Gênero e História no Romance Português**. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, 16(2):5-22, Jul/dez, 1990.

WILDE, Oscar. **Lady Windermere's Fan**. Disponível em: Projeto Gutenberg: <http://www.gutenberg.org/dirs/etext97/lwfan10h.htm>, acesso em: 20.07.2011. Transcrito a partir da versão de 1917 de Methuen & Co Ltd edition por David Price.

WILDE, Oscar. O Leque de Lady Windermere. In: **Oscar Wilde**: obra completa. Tradução de Oscar Mendes. Rio de Janeiro, Editora José Aguilar, 1961.

WILDE, Oscar. O Leque de Lady Windermere. In: **Oscar Wilde**: Teatro Completo. [versão para o Português: Doris Goesttems]. Vol. 1. Edição Bilingue: Inglês / Português. São Paulo: Editora Landmark, 2011.